

Vagalume urbano: veste iluminada que acende o teatro nas ruas das cidades

Urban firefly: illuminated clothing that lights up the theater on citiesy streets

*Regilan Deusamar Barbosa Pereira*¹

Resumo

A formação histórica que confere humanidade ao corpo social se encontra obscurecida pela mercantilização da cultura e das artes. A iluminação opressiva dos centros urbanos ou a penumbra das regiões periféricas igualmente contribuem para a desvalorização das humanidades, refletindo somente arbitrários interesses globalizadores. O sujeito da história acende o indivíduo que constrói integrado à coletividade. Portanto, será verificada tanto a fabricação como o uso de vestes com faixas refletivas em passeios ciclísticos noturnos com o objetivo de apropriação dos materiais luminosos para conferir ações artísticas à urbanidade. O fundamento teórico está no estudo da cidade (Argan, 2005) e de sua construção (Sennett, 2013).

Palavras-chaves: Veste refletiva; urbanidade; confecção artesanal

Abstract

The historical formation that confers humanity to the social body is obscured by the commodification of culture and arts. The oppressive illumination of urban centers or the dimness of peripheral regions also contributes to the devaluation of the humanities, reflecting only arbitrary globalizing interests. The subject of history lights the individual who builds integrated with the collectivity. Therefore, it will be verified both the manufacture and the use of garments with reflective bands in night cycling tours with the purpose of appropriating the light materials to give artistic actions to the urbanity. The theoretical foundation is in the study of the city (Argan, 2005) and its construction (Sennett, 2013).

Keywords: Reflective clothes; urbanity; craft building

E-ISSN: 2358.6958

¹ Figurinista e Cenógrafa. Profa. Dra. Substituta - Curso de Teatro da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) - regilandeusamar@gmail.com

Já em princípios do século XX, por ocasião das grandes transformações que integraram as artes e as diferentes sociedades deste período, distintos realizadores da cena teatral como Adolphe Appia e Edward Gordon Craig apresentaram pesquisas que demonstraram que a relação entre a veste para a cena e a iluminação é mutuamente enriquecedora². A partir desta compreensão tanto o acontecimento cênico ampliou sua potencialidade semântica e comunicacional quanto a plateia experimentou renovados sentimentos e considerações ao se deparar com estes dispositivos visuais e provocadores. Porém, consensualmente, o espaço da cena contemporânea não somente se encontra na caixa cênica, cuja maquinaria permite criações teatrais ao infinito, certamente. Nossa contemporaneidade permite considerar que se faça um convite à população desde as vias urbanas, as quais garantem o acesso aos edifícios teatrais, sendo este convite uma tática (Certeau, 2011) dentre outras, para disseminação do hábito de fruição do teatro, mas não somente apreensão desta forma de arte, como também vivência. Portanto, de acordo com as reflexões de Augusto Boal a respeito de ética e da estética do teatro: “Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados” (Boal, 2009, p. 19), conseqüentemente, que as artes cênicas sejam desejadas e praticadas pela maior parte da população, desde as escolas até às comunidades, à maneira de acontecimentos teatrais populares no espaço das caixas cênicas, mas também nas praças, ruas e centros urbanos.

Giulio Carlo Argan em *História da arte como história da cidade* qualificou o espaço citadino como um ambiente. O espaço da cidade recebeu esta denominação positiva por conta da comunicabilidade histórica e cultural que emerge dos monumentos arquitetônicos, dos espaços públicos e, inclusive, das relações entre os espaços domésticos e as urbanidades. Apesar destas intercessões que promovem a qualidade da criação e da vivência humana, porém, este historiador da arte italiano observou que as cidades, enquanto organismos agregadores dos valores culturais declinavam nesta sua propriedade comunitária. Tal declínio, segundo Argan, tem como possíveis causas dois fatores diretamente relacionados: 1) o enfraquecimento do conhecimento histórico por parte dos próprios cidadãos; 2) alienação provocada por mecanismos globalizadores construídos pelos interesses mercadológicos. Ao enfraquecer a base de formação histórica e cultural da população mais facilmente ampliam-se as redes de consumo, as quais obscurecem a historicidade dos monumentos arquitetônicos e patrimoniais. Estes, entre outros valores culturais, se transformam em *souvenir* para o consumo do turista. Da mesma maneira as manifestações e celebrações populares tornam-se sujeitadas, até mesmo depreciadas. Este sistema corrosivo arditamente promove, desde os primórdios da Revolução Industrial, a ideia de que os produtos industrializados aperfeiçoam a vida cotidiana de cidadãos das mais diferentes culturas e, mais recentemente, o acesso milagrosamente esclarecedor às diferentes tecnologias de informação tem provocado o mesmo efeito ilusório e ludibriador. Os mais diferentes grupamentos sociais, portanto, passaram a consumir alimentos em redes

² Fausto Viana apresenta em seus estudos intitulados *O figurino teatral e as renovações do século XX* análises a respeito destas relações entre figurinos e diferentes concepções cênicas. Nestes estudos são verificados, inclusive, as relações entre a luz e a veste para a cena.

de *fast food*, a vestir modismos produzidos pela indústria cultural cinematográfica e televisiva, adquirir modos de transportes particulares que causam transtornos diariamente em vias facilmente acessadas por transportes públicos. Consequentemente uma massa de trabalhadores é explorada em fábricas de confecção de roupas, os índices de aumento de problemas de saúde por má alimentação aumentaram vertiginosamente, o estresse ocasionado pelo cotidiano caótico nos deslocamentos de carros e ônibus desencadeiam desajustados comportamentos que desrespeitam e até mesmo ocasionam atos violentos entre os indivíduos que diariamente se encontram nestes espaços de aglomeração de comércio e prestação de serviços. Em suma, os monumentos arquitetônicos transformaram-se em ímãs de geladeira e as comunidades têm reduzido drasticamente suas produções culturais artesanais, pois a concorrência com a indústria é desleal. A história e a cultura se apagaram diante das luzes ofuscantes dos *outdoors* globalizadores.

De acordo com o sociólogo americano Richard Sennett: "Hefesto lança seus poderes sobre o artífice, como propiciador da paz e produtor de civilização" (Sennett, 2013, p. 31). Hefesto, que para a mitologia grega é o deus da metalurgia, é lembrado por Sennett com o objetivo de demonstrar a importância da realização fabril para a espécie humana, pois através desta habilidade a atividade criadora se manifesta na matéria, moldando-a, bem como desenvolvendo tecnologias que auxiliam as atividades cotidianas e, assim, a vida comunitária se fortalece entorno destas habilidades, aprimorando sociedades e hábitos, cujos habilidosos artífices foram definidos por Sennett como "civilizadores, aqueles que associavam a cabeça às mãos" (Sennett, 2013, p. 32). A partir destas considerações sobre o criar e o fabricar, é necessário destacar que estes estudos se desenvolveram de acordo com a técnica verificada em laboratório vinculado aos processos artísticos, o qual empreende as pesquisas de materiais e tecnologias, consequentemente executa os projetos que necessitam ser colocados na dinâmica das relações humanas. Estes projetos levam ao espaço das ações e vivências cotidianas a concretude das reflexões teóricas. Ao serem informados os materiais, os métodos empreendidos, os equipamentos utilizados, a importante etapa de execução técnica da elaboração conceitual evidencia o funcionamento das teorias empreendidas, consequentemente as etapas desde a criação até à execução tornam-se contempladas, possibilitando que a arte se manifeste em todas as suas potencialidades, ou seja, da esfera conceitual até à realização do artífice, que contrariamente à indústria, humaniza o espaço de construção e de relações humanas no cerne das cidades.

Este exercício laboratorial integra um estudo conceitual que tem o objetivo de conectar a contemporaneidade à oficina, às ferramentas e à engenhosidade do deus Hefesto e sua prática artesã. Portanto, com olhares atentos às oportunidades de saída criativa dos obscuros modos de vida citadino, ciente da existência dos descompassos evidenciados por Argan, inclusive, integrando esta realidade cotidiana caótica, vivenciando, entre tantos outros problemas urbanos, as angústias de engarrafamentos diários, a oportunidade surgiu por ocasião do encontro com o grupo de ciclistas SG Bike Clube, que ocorreu em assembleia pública promovida pela câmara de vereadores em cidade localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro em finais de 2017. O assunto em destaque era justamente a mobilidade urbana. A parti-

cipação nesta assembleia foi considerada importante por conta de uma necessidade de se tomar ciência do que os dirigentes políticos estavam fazendo pela cidade. Talvez o fato de ter conhecimento a respeito dos trâmites públicos institucionais facilitasse uma realização colaborativa entre um grupo de artistas da cidade e a secretaria de cultura. No entanto, os acontecimentos tomaram caminhos inesperados e, diante dos sofismas enraizados nas práticas políticas brasileiras desde a formação da nação, ter seguido o rumo dos *pedais noturnos*, denominação aplicada pelos praticantes de ciclismo para as atividades no turno da noite, foi, sem sombra de dúvida, o melhor caminho e que, surpreendentemente, reuniu arte, cultura, comunidade e cidade.

Em um dos primeiros pedais cuja participação foi possível – o ponto de partida e horário são sempre os mesmos há mais ou menos quatro anos – a veste adotada foi bermuda e camisa pretas, similar às vestes para ensaio de teatro. Nesta noite o coordenador do pedal reuniu o grupo e explicou que roupas pretas são inadequadas ao pedal noturno. Educadamente explicou que não era nenhuma contrariedade em relação a ninguém do grupo, mas sim um importante alerta de segurança porque o motorista de ônibus ou do carro de passeio tem visibilidade reduzida à noite e o ciclista precisa vestir roupas luminosas bem como utilizar lanternas que sinalizem sua presença na via para segurança própria e dos demais. Após esta fala o coordenador ofertou coletes com faixas refletivas que tinha como sobressalentes.

Não é possível omitir o quanto tal equívoco foi constrangedor, no tocante a vestimenta, para quem escreve este artigo, pois desde princípios do século XXI, portanto há quase duas décadas, a atividade de criação e confecção de vestes para a cena e para a performance teatral é a principal atividade artística exercida. Não ter observado que parte dos integrantes utilizavam coletes com faixas refletivas foi falta de atenção inclusive com a matéria de trabalho que é a veste, seja veste cotidiana, seja veste para a cena ou performance, ainda que o ciclismo nas vias urbanas da cidade fosse uma atividade inteiramente nova para quem aqui escreve, iniciante no pedal noturno, e ciente de que esta atividade envolve risco no sentido de que esta específica região metropolitana do estado do Rio de Janeiro possui um contingente populacional que chega a ter mais de um milhão de habitantes, o que induz a um tráfego de carros e ônibus igualmente vultuoso. Certamente o colete ofertado foi aceito e ao final do pedal, foi solicitado ao coordenador que o colete fosse levado para ser lavado e devolvido no pedal seguinte. Tal pedido foi aceito.

Ressalto que a proposição de levar o colete não foi somente com o intuito de lavá-lo, mas também de estudar aquela peça funcional do vestuário. Desde então, todos os trabalhadores que utilizavam tal vestimenta se tornaram evidentes. Reluzentes nos estacionamentos ou nos canteiros de obras nas rodovias, majoritariamente homens que se destacavam em suas atividades, propositadamente refletidos para que não fossem atingidos por nenhum automóvel. Os corpos eram vistos, mas a humanidade continuava apagada. Aquelas luzes emanadas das vestes refletiram a frieza das relações humanas: “homens na pista”, informam as placas refletivas. A partir dessas considerações foi confeccionado um colete com faixa refletiva e o modelo foi exatamente o mesmo utilizado por muitos seguranças de estacionamento em shoppings do Rio de Janeiro, porém modificado. Trata-se do colete amarelo com faixas refletivas em prata com dois bolsos nas partes inferiores da frente, que é dividida ao

meio por um zíper com uma intervenção também luminosa nas costas para chamar à atenção para a reflexão a respeito do trabalhador no serviço de segurança. Foi feita uma *ruptura da imagem massificada nas ruas da cidade*. Esta *ruptura da imagem* é uma referência ao estudo de quem escreve este artigo sobre diferentes aspectos que interferem na confecção de diferentes vestes, inclusive estudo introdutório a respeito do efeito luminoso sobre a veste uniformizada e funcional. Estas análises foram publicadas na revista *Arte da Cena*³. A partir deste colete novos estudos técnicos e conceituais foram empreendidos a respeito de faixas refletivas sobre diferentes tipos de vestes, bem como estudos de signos visuais que podem ser comunicados através do efeito luminoso.

O primeiro projeto – Sol noturno

A confecção do colete se deu em tecido plano, ou seja, tecido que não tem elasticidade, portanto fixar a faixa refletiva prata que não tem nenhuma elasticidade sobre outro tecido que igualmente não estica, não apresentou resistência entre os materiais. No caso deste colete, a complexidade se deu no fato de compor a forma estelar numa área de aproximadamente cinquenta centímetros de diâmetro, pois a faixa refletiva prata adquirida tinha somente cinco centímetros de largura. Primeiramente foi feito um molde da estrela em papel cartão na dimensão exata a ser aplicada nas costas do colete. Para reproduzir este molde, muitos cortes verticais, horizontais e longitudinais foram feitos na faixa e costurados possibilitando a reprodução do contorno desta estrela que se apresenta neste colete com faixa refletiva. Nas fotos abaixo, é possível visualizar o resultado formal obtido, bem como o efeito luminoso, cujo desenho remete às raízes nordestinas presentes nesta região metropolitana do estado do Rio. É importante informar que esta forma estelar luminosa bordada nas costas deste colete também conota um *sol noturno*, cuja luz foi buscada com intenção ambivalente: sinalizar o ciclista que trafega na via conjuntamente com carros e ônibus, mas também trazer à luz a reflexão e a crítica a respeito das práticas culturais e humanas que se encontram obscurecidas no espaço das relações públicas da cidade:

³ Revista *Arte da Cena*. Cenografia, Direção de Arte & Design de Cena - Parte I. v. 4, n.2 (2018) Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/issue/archive>



Figura 1: Foto do colete sob luz geral. Ao centro da forma estelar se apresenta o desenho de Ricardo Pereira: *calango navegante*



Figura 2 – Foto do colete sem luz geral. Sobre este incide a luz de flash da câmera fotográfica do celular. Esta foto retrata o efeito luminoso produzido pelo colete ao incidir sobre o mesmo a luz de farol de carros, ônibus, caminhões em ocasiões noturnas.

Esta primeira experimentação de confecção de veste com a faixa refletiva teve resultado consideravelmente positivo no sentido da comunicação. O colete foi utilizado não somente nos pedais noturnos, provocando a indagação sobre o desenho bordado por parte dos ciclistas, mas também em idas aos shoppings e caminhadas por espaços públicos da cidade. Notoriamente o colete chamava a atenção não somente dos inúmeros transeuntes, mas inclusive dos próprios trabalhadores portadores desta veste de trabalho. Conseqüentemente esta peça do vestuário que destaca “homens na pista”, passou a iluminar não somente vidas em exercícios profissionais, mas também iluminação sobre um signo cultural representativo de uma regionalidade, o sol abrasivo do nordeste, já tornado célebre pelo cartaz de divulgação da obra cinematográfica de Glauber Rocha, o renomado *Deus e o diabo na terra do sol*. Ainda que o signo solar não seja imediatamente reconhecido como símbolo do nordeste brasileiro por parte da população, o signo visual do colete de segurança foi deslocado do local em que normalmente é utilizado, local de trabalho, para outro espaço, que é o espaço de lazer da classe média, o shopping, e este deslocamento provocou olhares críticos. Esta provocação foi considerada positiva em relação às intenções artísticas e culturais desejadas com a fabricação desta veste.

O uso da iluminação através da faixa refletiva se deu numa experimentação entre uma conceituação artística e uma realização técnica de fabricação do vestuário. Esta junção entre teoria e técnica demandou novas experimentações. Os pedais demandam também que as vestes sejam mais ajustadas. O colete com faixa refletiva é funcional para os pedais noturnos, mas ele precisa ser vestido com outra camisa por baixo, o que em períodos de auge do verão na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro ocasiona grande desconforto por conta das altas temperaturas, ainda que no período noturno. Foi empreendida, portanto, uma nova experimentação técnica na fabricação de vestes com faixas refletivas. Foi observado que algumas peças do vestuário para ciclismo possuem viés refletivo aplicados nas costuras de tecidos com reduzida ou nenhuma elasticidade, porém adequados às atividades esportivas que provocam suores⁴. Estas camisas de ciclismo são modeladas para ficarem ajustadas ao corpo. Ao observar as particularidades desta vestimenta esportiva, foi verificada a aplicação de sublimação sobre os tecidos, que é uma técnica de estampagem⁵. Neste caso se trata de estampar as logomarcas dos grupos de ciclismo. Esta impressão de uma identidade visual nas vestes de um grupo caracteriza a afirmação de um interesse comum, o qual naturalmente se impõe sobre as tendências globalizadoras. Certamente o mercado de confecção do vestuário já oferece preços e materiais diferenciados para estes grupos de ciclismo, porém o fato destas associações esportivas cuidarem da manutenção de uma identidade de grupo propicia uma reunião social que colabora com valores humanizados.

⁴ Este viés é estreito, não chega a ter um centímetro de largura, portanto é de fácil aplicação na costura, havendo inclusive aparelhos, que acoplados a diferentes máquinas de costura, servem à aplicação de viés, facilitando ainda mais a inserção deste material.

⁵ Sublimação é um processo de estampagem que se dá por termotransferência, ou seja, por intermédio de calor. Esta técnica consiste na impressão da estampa em um papel especial apto a receber a cor através da sublimação, processo através do qual o pigmento passa do estado sólido para o gasoso. O livro *Beneficimento têxtil* da editora Senai explica o processo de transferência da estampa que está no papel para o tecido: “Após a secagem o papel é introduzido com o tecido em (...) um cilindro superaquecido que irá transferir calor ao papel, fazendo com que o corante presente neste passe para o substrato por meio de sublimação” (Senai, 2015, I 2769). O substrato a que se refere o texto é o tecido e este necessariamente tem que ser poliamida ou poliéster, que são fibras artificiais.

O segundo projeto – Lampião

Ao admirar esta integração em diferentes grupos de ciclismo sob o signo visual estampado nas vestes, foram despertadas as considerações a respeito de signos que emergem da cultura e da história que pudessem ser aplicados na veste para ciclismo, consequentemente pudessem ser vistos neste espaço urbano que é o do tráfego automobilístico e de bicicletas em ruas e avenidas. Deu-se então, a busca por materiais que pudessem transmitir esta história e cultura à maneira de um painel luminoso, no entanto não para comercialização de um produto, mas para reavivar a história e a cultura de coletividades a partir da própria humanidade do ciclista, integrado tanto ao grupo de esportistas quanto à cultura, memória e história das cidades. Certamente se verifica um alerta para a fragilidade deste corpo sobre a bicicleta, mas ainda assim o direito a uma manifestação harmoniosa sobre arte, cultura, memórias construídas por homens e mulheres ao longo de distintas civilizações. Emergiu, por conseguinte um desejo de justiça a respeito dessa possibilidade de comunicação e, com este desejo, a personalidade histórica e controvertida de Virgulino Ferreira, o Lampião, que, mais claramente do que o signo do sol abrasador bordado no colete com faixa refletiva evoca o nordeste e os nordestinos, brasileiros que migraram para todas as regiões do Brasil, principalmente para o sudeste em busca de melhores condições de vida. A ideia de evidenciação do nordeste principiada no colete continuava latente. Dois motivos mantinham este interesse: o fato da região metropolitana do Rio ter muitos descendentes do Nordeste e o fato da família de quem escreve este artigo ter esta raiz regional. Sem mais delongas, Lampião deveria ser aceso.

Esta luz de Lampião emergiu juntamente com a observação de que os coletes dos *motoboys* nesta região que margeia a Baía da Guanabara trazem três faixas amarelas horizontalmente refletidas nas costas. Nesta região metropolitana do Rio os motoboys também personalizam as contradições sociais. A oferta deste serviço de transporte se faz no trajeto que conecta as áreas de violência urbana ao centro comercial da cidade. Tem-se que: se Lampião transitava entre a caatinga nordestina e as cercanias das cidades interioranas do Nordeste com seu bando, agora ele seria evocado a transitar em vias urbanas, entre ciclistas e motociclistas reluzentes durante a noite, à maneira de vagalumes urbanos que não se restringem às regiões afastadas dos holofotes, mas se aventuram entre os faróis dos carros e ônibus dos centros urbanos. O interesse foi o de despertar, através de uma imagem-signo reluzente, diálogos e questionamentos sobre os diferentes grupos sociais da cidade para que sensíveis percepções ajudem a população a considerar a própria cultura e coletividade. Empreendem-se aqui as táticas observadas por Michel de Certeau em seus célebres estudos intitulados *A invenção do cotidiano*: “[...] a tática [...] uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil [...] rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (Certeau, 2011, p. 96).

A atividade de confecção de vestes com faixa refletiva demandou atividades próprias de um laboratório de análises técnicas. Richard Sennett esclarece as propriedades do exercício do conhecimento através da técnica: “as discussões sustentadas pelo produtor podem ocorrer mentalmente com materiais” (Sennett, 2013, p. 17). Os

materiais, portanto, nesta atividade laboratorial conferem singulares aprendizados. Nesta pesquisa, especificamente, as atividades de análises e testes para a confecção das vestes com faixa refletiva demandaram a aquisição de um rolo da faixa refletiva amarela⁶. O desenho de Lampião⁷ que se apresenta a seguir nas figuras 3, 4, 5, 6, 7 e 8 representa as fases de desenvolvimento da vestimenta que teve início com a concepção da imagem-símbolo de Lampião. Para a confecção da veste com faixa refletiva, este desenho foi impresso e ampliado até atingir o tamanho das costas da veste. A partir da ampliação, foram cortados os moldes do desenho. As faixas refletivas foram emendadas e sobre estas o desenho foi modelado e cortado, para em seguida ser bordado sobre o tecido. Os tecidos utilizados na fabricação das vestes para ciclismo possuem características de permeabilidade para facilitar a transpiração e ainda proteção contra os raios solares. No entanto, o tecido inicialmente escolhido foi a malha ciré⁸, direcionando o foco sobre a resistência dos materiais exclusivamente para a aplicação da faixa refletiva sobre esta malha, que por ser resistente permite usos diferenciados, inclusive, agradável para uso no verão. As figuras 3 e 4 apresentam a fase inicial do desenho, que foi elaborado em 2002, o que demonstra um interesse neste tema da cultura nordestina desde o princípio de formação técnica de quem escreve este artigo:

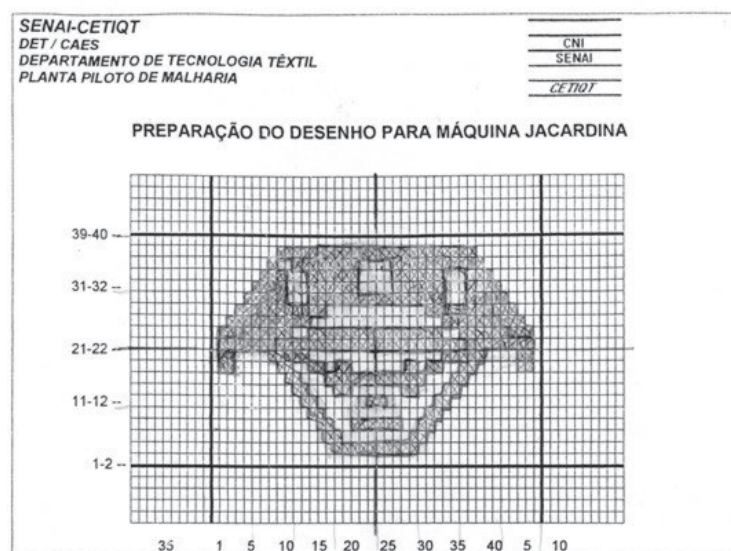


Figura 3 – Desenho técnico destinado à tecelagem em malharia jacquard

⁶ O rolo da faixa refletiva é vendido em lojas na internet com cinquenta metros de comprimento. Esta faixa tem cinco centímetros de largura. A intenção foi de adquirir grande quantidade desta faixa para a realização de experimentos com tecidos diversos.

⁷ Este desenho foi rascunhado em papel quadriculado no ano de 2002 para ser aplicado em máquina para tecelagem de malharia jacquard. Em 2017 foi revisto e finalizado com as formas pontiagudas que o envolvem no programa Photoshop.

⁸ Ciré: Acabamento feito com cera quente e com pressão, que confere ao tecido um efeito lustroso e suave (Catellani, 2003, p. 623). Esta malha possui grande elasticidade e pode ser destinada para roupas de banho, ginástica, mas também para calças e camisetas que se apresentam em diferentes tendências de moda, entre elas o *streetwear*. Este tecido foi escolhido por já ter sido utilizado para outros trabalhos pela autora desta pesquisa.



Desenho Malha Jacquard: "LAMPIÃO"
Composição: Fio 100% Acrílico
Máquina Retilínea: Universal - MC 328

Figura 4 – Aplicação do desenho técnico à tecelagem em malha.

As figuras 5, 6, 7 e 8 a seguir apresentam o desenho de Lampião primeiramente na forma gráfica e bidimensional, depois modelado na faixa refletiva e bordado sobre a malha ciré, e finalmente revelado como matéria luminosa na veste:



Figura 5 – Desenho: Virgulino Ferreira, o Lampião.



Figura 6 – Parte do desenho bordado nas costas do casaco sobre a malha cirê.



Figura 7 – Veste pronta. Frente do casaco. O desenho é a própria faixa refletiva. Fotografia com *flash* para simular o clarão do farol de automóveis sobre o casaco.



Figura 8 – Costas do casaco. Fotografia também realizada com flash para simular o clarão dos faróis automobilísticos

Este segundo exercício com a faixa refletiva, e desta vez não a partir de uma veste destinada ao uniforme, como o colete que confere proteção para ciclistas e trabalhadores no turno da noite, mas como um casaco com capuz, destacou-se ainda mais nitidamente do grupo de ciclismo, eliminando a referência basilar do colete que alguns ciclistas também usavam. Esse destaque evidenciou o desenho refletido tanto para os ciclistas quanto para os demais motoristas na via de carros e ônibus. Justamente as luzes extravagantes da cidade, que impedem que homens e mulheres da contemporaneidade contemplem e analisem diretamente os astros do universo que nos envolve, guia dos viajantes, destacaram, neste caso, a imagem simbólica que remete ao famoso cangaceiro nordestino. Ainda que o fato de estar em movimento sobre a bicicleta não permitisse um diálogo a respeito daquele Lampião, a imagem refletida estava percorrendo as vias urbanas e promovendo no cotidiano, breves instantes de estranhamento. Eram perceptíveis os olhares sobre o ciclista encapuzado. Quanto mais faróis acesos, mais visível a imagem. Alguns ciclistas comentavam: este casaco é perfeito para o pedal na BR 101. Esta rodovia margeia o município de São Gonçalo e tem como um dos destinos a região dos lagos, para onde grande número de viajantes afluem nos finais de semana com o objetivo de lazer a beira mar. Ainda que os ciclistas observassem exclusivamente a funcionalidade do casaco por sua capacidade refletiva, portanto um equipamento de segurança que confere proteção e visibilidade ao esportista que trafega entre automóveis, o signo bordado também se faz presente e reluzente. É possível conceber, a partir de então, um enredo contado por signos a trafegar por ruas, avenidas e rodovias. Este enredo pode ser narrado tanto pela figura solitária de um único ciclista quanto por um grupo de *performers* a caminho do edifício teatral em bikes que podem se distinguir como dispositivos cenográficos itinerantes. O sociólogo americano Richard Sennett esclareceu em *O artífice* estas espécies de brados advindos da prática da manufatura artesanal como concepções da imaginação: “Sustento duas teses polêmicas: primeiro, que todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais; depois, que o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação” (Sennett, 2013, p. 20). Pois foi a eloquência da imaginação, que demanda domínio técnico para que a ideia seja materializada, o que despertou mais um desafio: bordar escrita refletiva sobre malha ajustada ao corpo.

O terceiro projeto – Hipacia

Este terceiro projeto de confecção de veste com malha refletiva trouxe o desafio de produzir uma camisa que ficasse ajustada ao corpo, portanto uma modelagem equivalente à modelagem para camisas de ciclismo. A diferença, no entanto, se deu no tecido adotado. As camisas para ciclismo que foram observadas não possuem a elasticidade da malha ciré, mas possuem propriedades que se adequam facilmente à estampa por sublimação, bem como permitem uma modelagem que acompanhe a silhueta do corpo. A malha ciré, porém, por se tratar de um tecido encerado, é substituído por uma estrutura compactada que resiste firmemente à aplicação bordada, ou seja, não esgarça e, se receber a entretela adequada, não enruga, o que propiciou a adoção deste material desde a confecção do casaco que recebeu o Lampião bor-

gado. O uso de entretela auxilia esse processo de aplicação bordada, pois se trata de aplicar a faixa refletiva que não tem nenhuma elasticidade sobre um tecido que tem grande potencial elástico. Ao ser feita a confecção do casaco foi verificado que a malha reduz consideravelmente seu poder de elasticidade, portanto a camisa, para ficar ajustada precisaria ter sua modelagem calculada de acordo com uma variação de elasticidade menor do que a que confere a malha ciré sem a aplicação bordada, para se adequar ao corpo e à aplicação da faixa refletiva.

O tema a respeito da justiça em busca de tempos mais harmoniosos já estava intrínseco à fase de criação do desenho de Lampião, cuja histórica figura de um justiceiro às avessas denunciava um sertão nordestino povoado por homens e mulheres empobrecidos, que ao longo do século XX precisaram sair de sua terra natal para tentar a sorte nas grandes capitais brasileiras, porém tal migração propiciou o crescimento dos marginalizados bairros periféricos e das favelas, e com estes a violência também cresceu. Nova personalidade precisava trazer luz às consciências obscurecidas pelo ritmo frenético e populoso das cidades. Desta vez foi evocada uma filósofa e matemática romana do início da era cristã: Hipacia de Alexandria. Seu exemplo de liberdade de expressão enquanto mulher que colaborou através do seu pensamento e do seu trabalho com a sua sociedade ilustra neste novo processo artístico e técnico este diálogo com as vias urbanas da região metropolitana do Rio de Janeiro das sextas à noite, portanto, mais um chamado às conotativas e repentinas aparições do vagalume urbano nas vias de automóveis das cidades. A seguir três fotos entre o corte e a peça pronta:



Figura 9: A fotografia exibe o recorte central das costas da blusa, que está em fase de montagem. Sobre este recorte a faixa refletiva se apresenta já modelada na forma do desenho e da escrita a ser bordada.



Figura 10 – Frente da blusa já finalizada. Fotografia com *flash* para simular a luz de farol automobilístico sobre a blusa.



Figura 11 – Costas da blusa. Fotografia também realizada com flash para destacar a propriedade refletiva do bordado.

É preciso esclarecer que vídeos poderiam ter sido feitos durante os passeios ciclísticos, mas não foi possível acessar a câmera que permite tal gravação. Esta fica acoplada ao capacete do ciclista que pode filmar tanto os demais ciclistas quanto sua própria trajetória. Trata-se de uma importante etapa técnica e artística que pode tanto configurar um material de documentação do exercício performativo com veste, que tem imagem-símbolo bordada em faixa refletiva quanto pode possibilitar uma forma de expressão linguística através da criação de projeções cinematográficas e de

vídeo que têm sido apropriadas pela cena contemporânea. Esta linguagem técnica e artística de projeção pode recriar a atividade do *performer*-ciclista no interior da caixa cênica através da realização de um diálogo deste performer com as próprias imagens gravadas durante seu pedal pelas ruas da cidade, numa aproximação entre concepções de iluminação e projeção⁹. Também as fotografias nesse processo itinerante são possíveis, mas o deslocamento dificulta a realização fotográfica, além de ser uma ação que envolve percentuais de risco tanto ao grupo quanto ao ciclista individualmente. Enfim, trata-se de um empreendimento performático que demanda um grupo de realizadores para a composição de uma cena que tenha início nas vias urbanas e adentre o espaço de um edifício teatral para a continuação desta performance que se dará noutro contexto, que é o singular tempo e espaço da caixa cênica italiana.

Conclusão

A realização das vestes com faixa refletiva configura um processo que não objetivou a realização de figurinos para um espetáculo teatral. O objetivo inicial foi o de um diálogo através da visualidade com os habitantes da região metropolitana do Rio de Janeiro, designada pelos canais midiáticos como região pertencente às áreas de periferia. Inicialmente a materialização da primeira peça com este material luminoso, o colete, despertou o desafio de confeccionar um traje que destacasse signos culturais como formas ilustres, que fossem celebrizadas entre os faróis de carros e ônibus durante as atividades de ciclismo noturno. De acordo com os estudos de Hans-Thies Lehmann em *Teatro pós-dramático*: “Nesse teatro sem diálogo tão somente tem-se a impressão de que as figuras cênicas falam” (Lehmann, 2007, p. 49), despertando o interesse da comunicação através da arte em um processo de autonomia semântica dos dispositivos, sejam eles cenográficos, de indumentária, sonoplastia ou iluminação. Argan define a cidade como um sistema de informação e o cidadão como produtor de linguagem no espaço público urbano (Argan, 2005), a exemplo dos ciclistas, motoboys e cidadãos das regiões onde foram realizados este estudo e suas análises técnicas. Para aqueles e aquelas que trabalham, constituem suas famílias e manifestam seus interesses e criações nos espaços pertencentes à região metropolitana do Rio de Janeiro, não é possível definir seus bairros residenciais, praças, avenidas, áreas de comércio como periferias, mas sim regiões reconhecidamente centrais, onde suas atividades, relações humanas e sociais existem e são importantes para a comunidade local.

Considerando a afirmação de Hans-Thies Lehmann em *Teatro pós-dramático*: “[...] a questão da *opção ética* [...] Em princípio, o *performer* do teatro não quer transformar a si mesmo, mas transformar uma situação e talvez o público” (Lehmann, 2007, p. 229), e os resultados obtidos com as experiências das vestes com material reflexivo é possível vislumbrar uma expansão do uso desta vestimenta. Mesmo que

⁹ A tese de doutorado de Marcelo Denny de Toledo Leite a respeito da cena digital é esclarecedora ao tratar da relação criativa que pode haver entre o real e o virtual, a presença do ator e a projeção de imagens: “[...] abordei ‘A Imagem-Corpo: as tecnologias da imagem na construção de efeitos de presença do ator / performer’. Apliquei algumas relações possíveis entre as tecnologias da imagem e o corpo dos atuantes, sejam atores, dançarinos ou performers. Foi um diálogo visando ampliar as relações entre corpo e cena e também entre corpo e máquina” (Leite, 2011, p. 21).

a intenção inicial não tenha sido a de produzir uma realização cênica espetacular, a ação performática como linguagem foi considerada. Além disso, à medida que a realização técnica da veste obteve sucesso, pois se adequou ao corpo; à medida que foi constatada que a veste obteve êxito no quesito da funcionalidade e segurança, pois promove a devida visibilidade do ciclista no percurso noturno; à medida que não só a funcionalidade relativa à visão, mas a comunicabilidade se revelou possível, através do recurso da faixa refletiva, novas considerações surgiram no sentido de se explorar o uso destas vestes no interior da caixa cênica italiana, sob o efeito da iluminação teatral, bem como considerações a respeito de um cortejo de atores ou performers, que sobre bicicletas e com vestes com faixas refletivas encenam um enredo itinerante e luminoso no período noturno para evocar culturas e humanidades através de imagens-símbolo. Estas concepções evidenciam a importância do laboratório de pesquisa técnica vinculado à pesquisa artística. Ele permite a realização de experiências com materiais, tecnologias, metodologias e, a partir dos resultados obtidos, novas proposições nascem enquanto indagações teóricas e artísticas.

A conclusão verificada neste estudo está circunscrita à exitosa execução técnica destinada à confecção de vestes em tecidos com e sem elasticidade, os quais recebem desenhos bordados com faixas refletivas, e ao eficiente uso destas vestes não somente como sinalizadores noturnos para ciclistas e trabalhadores, mas principalmente à favorável apropriação artística no sentido de possibilitarem a criação de diálogos poéticos, alegorias itinerantes, expressões autorais e visuais em espaços públicos que compreendem as populações dos espaços urbanos das cidades. A possível performance de atores e atrizes com vestes luminosas no interior do edifício teatral à italiana, sob o efeito da iluminação cênica, à maneira de um retorno à alegórica caverna de Platão e ao recanto protegido dos vagalumes, configura um estudo a ser realizado oportunamente.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção a)

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CATELLANI, Regina Maria. *Moda Ilustrada de A a Z*. Editora Manole, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 17ª ed.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Trad. Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEITE, Marcelo Denny de Toledo. *Caleidoscópio Digital: contribuições e renovações das tecnologias da imagem na cena contemporânea*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SENAI. *Beneficiamento têxtil*. São Paulo: SENAI-SP Editora, 2015.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques – 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

VIANA, Fausto. *Figurino teatral e as renovações do século XX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

Recebido em: 28/10/2019

Aprovado em: 29/01/2020